

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS**

ANA CAROLINA HONORATO GOMES

**GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS FEMININOS: UM ESTUDO COM  
TRANSCISTAS NA MICROREGIÃO DOS INCONFIDENTES EM MINAS GERAIS**

MARIANA - MG

2026

ANA CAROLINA HONORATO GOMES

**GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS FEMININOS: UM ESTUDO COM  
TRANCISTAS NA MICROREGIÃO DOS INCONFIDENTES EM MINAS GERAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para obtenção do título Bacharel em Administração.

**Orientadora:** Profa. DSc. Simone Aparecida Simões Rocha

MARIANA - MG

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G633g Gomes, Ana Carolina Honorato.  
Gestão de empreendimentos femininos [manuscrito]: um estudo  
com trançistas na microrregião dos Inconfidentes em Minas Gerais. / Ana  
Carolina Honorato Gomes. - 2026.  
39 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Simone Aparecida Simões Rocha.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Administração .

1. Empreendedorismo - Mulheres. 2. Cultura afro-brasileira. 3.  
Tranças (Penteados). 4. Trabalho informal. I. Rocha, Simone Aparecida  
Simões. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 334.722(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Eliane Apolinário Vieira Avelar - CRB6/3044



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Ana Carolina Honorato Gomes**

### **Gestão de empreendimentos femininos: um estudo sobre transistas na Microrregião dos Inconfidentes em Minas Gerais**

Monografia apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração

Aprovada em 02 de março de 2026.

Membros da banca:

DSc. Simone Aparecida Simões Rocha - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto

Dra. Carolina Machado Saraiva - Universidade Federal de Ouro Preto

Dr. Felipe Gouvêa Pena - Universidade Federal de Ouro Preto

DSc. Simone Aparecida Simões Rocha, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 06/03/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Simone Aparecida Simoes Rocha, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/03/2026, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Gouvea Pena, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/03/2026, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Machado Saraiva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/03/2026, às 15:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1070840** e o código CRC **FF9113DC**.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar o empreendedorismo feminino de trançistas da microrregião dos inconfidentes em Minas Gerais. A pesquisa caracteriza-se como aplicada, de abordagem qualitativa, utilizando-se do método observacional *in loco* e da realização de entrevistas semiestruturadas com trançistas locais, por meio do estudo de múltiplos casos. Busca-se compreender as trajetórias dessas mulheres, suas formas de organização do trabalho, os desafios enfrentados no cotidiano profissional e as estratégias de superação adotadas. Os resultados evidenciam que o ofício de trançar cabelos configura-se como um saber ancestral, um instrumento de resistência cultural e uma importante fonte de geração de renda. Observa-se, ainda, que o afroempreendedorismo desempenha papel central na promoção da autonomia financeira, do fortalecimento da identidade negra e da valorização da cultura afro-brasileira. Conclui-se que o reconhecimento social e institucional da profissão de trançista é fundamental para a ampliação de oportunidades, redução das desigualdades e promoção do desenvolvimento social.

**Palavras-chave:** Cultura afro-brasileira; empreendedorismo feminino; Inconfidentes; trançistas.

## **ABSTRACT**

This Final Course Project aims to analyze female entrepreneurship among hair braiders from the Inconfidentes microregion in Minas Gerais. The research is characterized as applied, with a qualitative approach, using in loco observational methods and semi-structured interviews with local braiders, through a multiple case study. The study seeks to understand the trajectories of these women, their forms of work organization, the challenges faced in their professional routines, and the strategies adopted to overcome them. The results show that the practice of hair braiding is not only an aesthetic activity but also an ancestral knowledge, an instrument of cultural resistance, and an important source of income generation. Furthermore, afro-entrepreneurship plays a central role in promoting financial autonomy, strengthening Black identity, and valuing Afro-Brazilian culture. It is concluded that social and institutional recognition of the hair braider profession is fundamental to expanding opportunities, reducing inequalities, and promoting social development.

**Keywords:** Afro-Brazilian culture; female entrepreneurship; Inconfidentes; hair braiders.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais autores, contribuições e lacunas identificadas	13
Quadro 2 – Perfil socioeconômico e profissional das participantes	18
Quadro 3 – Formalização	20
Quadro 4 – Práticas organizacionais e uso da tecnologia	21
Quadro 5 – Síntese analítica dos principais achados da pesquisa	22

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Faixa etária	17
Figura 2 - Número de filhos	18
Figura 3 - Cor/Raça	18
Figura 4 - Escolaridade	19
Figura 5 - Tempo de atuação	20
Figura 6 - Origem do Aprendizado	21

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CBO – Classificação Brasileira das Ocupações

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IRME – Instituto Rede Mulher Empreendedora

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>5</b>
<b>2.1 História e ancestralidade das trancistas negras no Brasil</b>	<b>5</b>
<b>2.2 Trabalho informal e empreendedorismo feminino</b>	<b>5</b>
<b>2.3 Gestão de serviços e estratégias utilizadas</b>	<b>6</b>
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>9</b>
<b>3.1 Natureza e abordagem da pesquisa</b>	<b>9</b>
<b>3.2 Estratégia de pesquisa</b>	<b>9</b>
<b>3.3 Coleta de dados</b>	<b>9</b>
3.3.1 Entrevistas presenciais semi estruturadas	10
3.3.2 Observação in loco	10
<b>3.4 Análise de dados</b>	<b>10</b>
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>12</b>
<b>4.1 Perfil socioeconômico e profissional das participantes</b>	<b>12</b>
<b>4.2 Trajetória profissional e formalização</b>	<b>15</b>
<b>4.3 Organização do trabalho, tecnologias e desafios</b>	<b>16</b>
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>21</b>
<b>APÊNDICE A</b>	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A prática de trançar cabelos carrega seu significado nas raízes africanas, trazendo uma grande carga e simbologia cultural. Comunidades negras de diferentes esferas sociais, utilizavam as tranças como meio de transmissão de informações, possibilitando a identificação do status social de um indivíduo, aspectos religiosos e até mesmo informações pessoais, como faixa etária e estado civil. Dessa forma, os padrões dos trançados configuravam-se como um sistema de comunicação simbólica e culturalmente estruturado (Clemente, 2010).

Atualmente o sentido do trançado foi ressignificado conforme as tendências atuais como a crescente valorização dos cabelos naturais e da identidade cultural afro-brasileira, a profissionalização da atividade de trancista por meio de cursos e especializações e também a diversificação de estilos, técnicas e utilização de diferentes materiais e acessórios. Por meio da criatividade individual e da prática profissional, estas desempenham sua atividade buscando geração de renda enquanto preservam a valorização da cultura africana (Lemos, 2019). Sob esta ótica, o trabalho realizado por estas profissionais se encaixa na definição de Fitzsimmons e Fitzsimmons (2014) de que o serviço é uma oferta intangível, que traz benefícios de valor agregado atrativos ao consumidor. Assim, estes serviços consistem na aplicação do conhecimento para elaborar tranças que entregam valor percebido aos clientes.

Segundo reportagem publicada pelo *Estado de Minas* (2021), baseada em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o empreendedorismo negro vem ganhando força, principalmente através do empreendimento de mulheres que integram a comunidade negra. Elas representam 52% dos 51% de empreendedores autodeclarados pretos ou pardos no país, o que evidencia sua presença expressiva entre este segmento.

De acordo com Ferreira (2024), a pesquisa realizada por Layla Maryzandra Costa Silva em 2023, baseada em 122 relatos de trancistas, evidenciou que todas as participantes eram mulheres negras, apontando para uma homogeneidade significativa no perfil da profissão. Apesar do crescimento expressivo de suas práticas profissionais, persistem desigualdades estruturais em relação a outros grupos sociais. Em particular, essas mulheres enfrentam maiores obstáculos no acesso a crédito, na expansão de suas atuações e, no caso específico das trancistas, na formalização de seus negócios.

Até recentemente, a ausência de regulamentação da profissão pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) levava muitas a permanecerem na informalidade (Silva, 2024). No entanto, em junho de 2025 o governo federal incluiu a profissão de trancista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), este avanço ocorreu como forma de reconhecimento

institucional da atividade. Entretanto, é fundamental acompanhar os efeitos dessa iniciativa na vida das profissionais.

O estudo realizado pelo Instituto Rede Mulher Empreendedora (IRME, 2023) mostrou em seus resultados que 76% das mulheres entrevistadas apontaram a necessidade financeira como principal motivação para empreender. Isso indica que, para muitas mulheres negras, empreender não se trata de uma escolha estratégica, mas sim de uma alternativa diante das dificuldades impostas pelo mercado de trabalho formal. Além disso, a precariedade nas condições de trabalho, ausência de políticas públicas voltadas à profissionalização e a marginalização de práticas culturais afro-brasileiras no espaço urbano tendem a agravar este cenário.

A prática de trançar cabelos, representa uma expressão cultural de origem africana e se consolidou como uma atividade econômica exercida por muitas mulheres negras no Brasil (Clemente, 2010; Lemos, 2019). Em diferentes contextos urbanos, o ato de trançar ultrapassa a dimensão estética e passa a constituir uma forma de trabalho autônomo, organização produtiva e geração de renda para diversas mulheres (Lemos, 2019). Na microregião dos Inconfidentes, localizada no estado de Minas Gerais e composta por municípios como Ouro Preto, Mariana e Itabirito, observa-se a presença de práticas culturais vinculadas à ancestralidade afro-brasileira, influenciadas pela formação histórica da região (IBGE, 2022). Nesse contexto, a atividade de trançar cabelos se insere como prática cultural e estética, e também como uma forma de empreendedorismo feminino, na qual mulheres desenvolvem habilidades técnicas, constroem clientela e organizam seus próprios serviços no mercado de beleza (IRME, 2023).

Desse modo, a atuação de trançistas pode ser compreendida como uma estratégia de geração de renda e autonomia econômica, especialmente em realidades locais nas quais práticas culturais afro-brasileiras coexistem com desafios sociais e estruturais. Assim, investigar a atuação dessas profissionais na microregião dos Inconfidentes torna-se relevante para compreender como se organizam suas práticas de trabalho, os desafios enfrentados na gestão de seus serviços e as estratégias desenvolvidas para manter e fortalecer seus negócios em meio às desigualdades estruturais presentes na sociedade (Barros et. al., 2021). Dessa forma, a análise sobre essas profissionais pode contribuir para ampliar a compreensão das relações entre trabalho, gestão, cultura, gênero e raça.

Neste contexto, a presente pesquisa propõe responder à seguinte questão de investigação: De que forma as trançistas da região dos Inconfidentes, em Minas Gerais, estruturam e aplicam práticas de gestão em seus empreendimentos, e quais os principais desafios que enfrentam na condução de seus negócios?

Esta pesquisa possui caráter aplicado e abordagem qualitativa, tendo como objetivo analisar como as trançistas da região dos Inconfidentes, em Minas Gerais, estruturam e aplicam práticas de gestão em seus empreendimentos, identificando os principais desafios enfrentados na condução de seus negócios

De forma a atingir o objetivo geral e responder ao problema de pesquisa proposto, foram elencados os seguintes objetivos específicos: i) Identificar e analisar as práticas de gestão utilizadas pelas trançistas em seus empreendimentos, considerando aspectos como organização financeira, atendimento ao cliente, marketing e administração de recursos; ii) Investigar os principais desafios enfrentados pelas trançistas na condução de seus negócios, levando em conta fatores econômicos, sociais, culturais e estruturais que impactam sua atuação; iii) Compreender como as trançistas articulam saberes tradicionais com práticas contemporâneas de gestão, avaliando suas percepções sobre sustentabilidade, crescimento e valorização cultural de seus empreendimentos.

Em um cenário de desigualdade de gênero no mercado formal, a atuação profissional feminina surge como alternativa para que as mulheres enfrentem esse desafio (Cotrim, Teixeira e Proni, 2020). No segmento de tranças, elas lidam com dificuldades mais intensas que outros negócios conduzidos por mulheres, enfrentando racismo estrutural, informalidade e desvalorização da atividade (Gomes Cornélio e Silva Freitas, 2021). O tema tem ganhado relevância recente: em maio de 2024, a deputada federal Dandara Tonantzin Silva Castro (PT-MG) apresentou projeto de lei propondo a regulamentação da profissão, e, em junho de 2025, o governo federal oficializou sua inclusão na CBO.

Apesar do reconhecimento legal, muitas profissionais ainda trabalham em condições precárias, atendendo em espaços improvisados, como residências, calçadas e feiras (Gomes Cornélio e Silva Freitas, 2021). A formalização permitirá a coleta de dados pelo IBGE e pelo SEBRAE, além de garantir acesso a direitos trabalhistas, representando avanço significativo, sobretudo para mulheres negras, majoritárias na categoria (Silva, 2024).

Estudar esse segmento amplia o conhecimento sobre os desafios cotidianos enfrentados por mulheres em situação de desigualdade social, de gênero e racial, e permite compreender os efeitos de avanços institucionais na vida dessas trabalhadoras, oferecendo subsídios para uma atuação profissional mais digna, reconhecida e protegida.

O presente trabalho está organizado de maneira a apresentar, inicialmente, a Introdução, que contextualiza o tema, descreve o perfil das profissionais e define os objetivos da pesquisa; Revisão da Literatura, que discute gestão de pequenos negócios, empreendedorismo feminino, desigualdades de gênero e raça e a valorização da cultura afro-brasileira; a Metodologia, que

detalha a abordagem qualitativa e os procedimentos de coleta e análise de dados; a Análise e Discussão dos Resultados, que interpreta os achados à luz do referencial teórico; e as Considerações Finais, que sintetizam as contribuições do estudo, suas limitações e perspectivas para pesquisas futuras.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 História e ancestralidade das trançistas negras no Brasil

A prática de trançar cabelos teve origem entre os povos africanos e foi trazida à América Latina durante o período colonial e imperial, preservando saberes, tradições e expressões culturais. Nesse contexto, o trançado constituiu-se como forma de resistência, memória e afirmação identitária. (Costa e Binja, 2023). As mulheres africanas desempenharam papel central na transmissão do saber ancestral, desenvolvendo técnicas que permitiam codificar informações sobre faixa etária, estado civil, posição social e aspectos religiosos por meio do entrelace dos fios (Santos, 2025). Inicialmente, esse conhecimento era transmitido oralmente, especialmente entre mães e filhas, e executado de forma coletiva, fortalecendo vínculos comunitários e o sentimento de pertencimento (Costa e Binja, 2022).

No Brasil contemporâneo, o legado persiste, com a prática majoritariamente desempenhada por mulheres negras (Silva, 2024). Além de preservar a herança africana, essas profissionais ressignificam o trançado no mercado estético, que ultrapassa finalidades apenas estéticas e se constitui como espaço de empoderamento e afirmação etimológica (Santos, 2025; Costa, 2022).

A região dos Inconfidentes, em Minas Gerais, apresenta um contexto relevante para o estudo da prática de trançar cabelos, devido à diversidade cultural e histórica da região, bem como à presença de manifestações que valorizam a cultura afro-brasileira. Entretanto, há escassez de estudos específicos sobre o trançado capilar e a atuação das profissionais nesse território, evidenciando uma lacuna na literatura.

### 2.2 Trabalho informal e empreendedorismo feminino

Em contextos de vulnerabilidade social, mulheres negras utilizam o trabalho informal como estratégia de geração de renda, transmitindo conhecimento entre pares e fortalecendo redes coletivas (Lima, 2022). No Brasil, essas mulheres representam um dos grupos mais afetados pelas desigualdades socioeconômicas, com elevados índices de informalidade (G1, 2024).

Dados do Ministério do Trabalho indicam que 41% das mulheres negras atuam fora do sistema formal, incluindo profissionais de beleza, empregadas domésticas e ambulantes, 9,1

pontos percentuais acima de mulheres não negras. Além disso, recebem 50,2% do salário dos homens brancos em funções equivalentes (Relatório de Transparência Salarial, 2024).

A informalidade oferece autonomia financeira, mas limita o acesso a direitos trabalhistas e amplifica vulnerabilidades, especialmente em regiões periféricas, onde a infraestrutura de trabalho é precária (Almeida, 2020). A gestão racionalizada e políticas públicas de apoio são fundamentais para o fortalecimento desses negócios, viabilizando acesso a recursos financeiros e tecnológicos e favorecendo a sustentabilidade (Feitosa e Mascena, 2024). O acesso ao crédito ainda é dificultado por práticas discriminatórias nas instituições financeiras, combinadas a lacunas de capacitação profissional em áreas estratégicas como marketing, finanças e planejamento (Rebelo, Analide e Abreu, 2023; Feitosa e Mascena, 2024).

### **2.3 Gestão de serviços e estratégias utilizadas**

Mesmo em contexto informal, as profissionais desenvolvem práticas de planejamento e gestão que evidenciam uma racionalidade estratégica em suas atividades. Segundo Luane Bento dos Santos (2024), o cuidado interpessoal no atendimento é um aspecto central do trabalho, pois valoriza não apenas o serviço prestado, mas também o significado cultural do trançado, fortalecendo vínculos com a clientela e promovendo a preservação da herança afro-brasileira.

Além disso, as profissionais utilizam redes sociais como ferramentas multifuncionais para divulgação de serviços, gestão de agendamentos e relacionamento com clientes, demonstrando um uso consciente da tecnologia para otimizar a organização do negócio (Santos, 2024). A gestão de materiais e insumos é outro elemento fundamental para garantir a continuidade do serviço e minimizar perdas. As profissionais precisam identificar quais produtos possuem maior demanda e organizar o estoque de forma estratégica, considerando limitações financeiras que podem restringir a capacidade de armazenagem adequada (Lemos, 2019).

Dessa forma, mesmo em condições de informalidade, observam-se práticas estruturadas de administração e planejamento que contribuem para a sustentabilidade do negócio e a satisfação do cliente. Apesar desses esforços, o reconhecimento profissional ainda é afetado por preconceitos históricos e estigmas associados à atividade. Nesse contexto, a oficialização da profissão na CBO em junho de 2025 representa um avanço institucional significativo, garantindo acesso a direitos trabalhistas, previdência social e políticas de apoio à atividade (MTE, 2025). No entanto, é fundamental analisar se a formalização efetivamente promove impactos concretos na rotina das profissionais, considerando a persistência de desigualdades

estruturais, a precariedade das condições de trabalho e a necessidade de políticas públicas de suporte contínuo.

O Quadro 1 sintetiza as principais contribuições das obras utilizadas na revisão de literatura, destacando os conceitos abordados, as contribuições de cada estudo e as lacunas ainda existentes. Observa-se que, embora diversos trabalhos explorem a ancestralidade, a gestão e o perfil das profissionais de trançado capilar, há escassez de pesquisas específicas sobre a atuação dessas profissionais na região dos Inconfidentes, Minas Gerais. Dessa forma, o quadro evidencia a relevância e a necessidade do presente estudo.

**Quadro 1** – Principais contribuições teóricas e lacunas identificadas

<b>Autor</b>	<b>Tema/Conceito</b>	<b>Principais Contribuições</b>	<b>Lacuna Identificada</b>
Costa e Binja (2022; 2023)	Ancestralidade e resistência cultural	Trançado como forma de transmissão de saber, memória e identidade cultural	Poucos estudos sobre prática de trançado em regiões históricas, como os Inconfidentes
Santos (2024; 2025)	Gestão de materiais e codificação simbólica	Estratégias de planejamento, controle de insumos e uso de redes sociais	Falta de evidências sobre práticas de gestão em contextos periféricos e informais
Silva (2024)	Perfil contemporâneo das profissionais	Predominância de mulheres negras e ressignificação cultural da atividade	Necessidade de estudos específicos na região dos Inconfidentes
Almeida (2020)	Trabalho informal e vulnerabilidade	Autonomia financeira em contextos de desigualdade, precariedade das condições de trabalho	Escassez de dados sobre impacto da informalidade em regiões específicas
Feitosa e Mascena (2024)	Políticas de apoio e formalização	Propostas de estruturação de pequenos empreendimentos e incentivo à formalização	Lacuna sobre aplicação efetiva de políticas na prática das profissionais locais
Rebelo, Analide e Abreu (2023)	Racismo estrutural e acesso a crédito	Barreiras institucionais e discriminação no acesso a recursos financeiros	Necessidade de avaliação de impactos na sustentabilidade dos negócios das profissionais

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora (2025).

A partir do Quadro 1, observa-se que os estudos abordam o trançado de cabelos sob diferentes perspectivas, incluindo aspectos culturais, sociais e econômicos. De modo geral, a literatura aponta que essa prática está relacionada à preservação de saberes de origem africana e à geração de renda para mulheres negras. Os trabalhos também indicam desafios associados à informalidade, ao acesso a crédito e à ausência de políticas de apoio. Ao mesmo tempo, nota-se a escassez de pesquisas que analisem a atuação das trançistas em contextos regionais específicos, como na microregião dos Inconfidentes. Nesse sentido, o presente estudo busca

contribuir para ampliar a compreensão sobre as práticas de trabalho e organização dessas profissionais.

## **3 METODOLOGIA**

### **3.1 Natureza e abordagem da pesquisa**

O presente estudo possui natureza aplicada, com propósito descritivo, e adota abordagem qualitativa. Conforme Gil (2008), pesquisas descritivas buscam detalhar características de determinado fenômeno, enquanto a pesquisa aplicada tem como objetivo produzir conhecimento voltado para a compreensão de problemas específicos. A escolha pela abordagem qualitativa está relacionada ao interesse em compreender as práticas de gestão e os desafios enfrentados pelas trançistas que atuam na microregião dos Inconfidentes, em Minas Gerais. Entretanto, a pesquisa também utilizou variáveis quantitativas de caráter descritivo, como idade, escolaridade e tempo de atuação, com a finalidade de caracterizar o perfil das participantes e contribuir para a análise do contexto investigado. Dessa forma, os dados quantitativos não constituem o foco central do estudo, mas atuam como complemento à interpretação qualitativa.

### **3.2 Estratégia de pesquisa**

Foi adotado o estudo de múltiplos casos, permitindo analisar diferentes contextos de trabalho, identificar padrões comuns e contrastes entre os casos e produzir um conhecimento mais consistente sobre a gestão das profissionais (Yin, 2015). A escolha por essa estratégia visa aprofundar a compreensão do fenômeno, considerando suas particularidades e similaridades.

A pesquisa envolveu 6 participantes de uma população total de 8 profissionais da região dos Inconfidentes, Minas Gerais. A seleção ocorreu por acessibilidade intencional e por conveniência, ou seja, as participantes demonstraram interesse voluntário em integrar o estudo, enquanto duas profissionais optaram por não participar. Os critérios para inclusão foram: ser mulher, atuar como profissional de tranças afro na região e possuir experiência mínima de seis meses na atividade (Gil, 2019).

### **3.3 Coleta de dados**

A coleta de dados foi realizada por meio de duas técnicas:

### 3.3.1 Entrevistas presenciais semi estruturadas

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, conduzidas a partir de um roteiro previamente elaborado com perguntas abertas. Esse formato permitiu manter uma estrutura básica de investigação, ao mesmo tempo em que possibilitou explorar temas adicionais conforme o contexto e as experiências de cada participante. O roteiro de entrevista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) encontram-se apresentados no Apêndice A.

As entrevistas foram realizadas presencialmente no local de trabalho das trancistas e, nos casos em que as participantes não possuíam salão próprio, em locais previamente combinados que possibilitassem a realização da conversa de forma adequada. Cada entrevista teve duração média de aproximadamente duas horas e foi realizada mediante autorização das participantes, sendo gravada em áudio para garantir maior fidelidade no registro das informações. Posteriormente, os conteúdos foram utilizados para análise das trajetórias profissionais, práticas de gestão, organização do trabalho e desafios enfrentados pelas profissionais.

### 3.3.2 Observação in loco

Além das entrevistas, foi realizada observação in loco nos espaços de trabalho das seis participantes. Essa etapa ocorreu de forma concomitante às entrevistas em cada local e buscou complementar as informações obtidas. Durante as visitas, foram observados aspectos relacionados à organização do espaço de trabalho, ao planejamento dos atendimentos, ao uso de materiais e à interação com clientes.

As observações foram registradas pela pesquisadora em bloco de anotações, permitindo o acompanhamento das práticas cotidianas das profissionais e contribuindo para a compreensão do contexto em que suas atividades são desenvolvidas. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a observação direta permite ao pesquisador compreender fenômenos sociais a partir do contato com a realidade investigada, favorecendo a comparação entre os relatos dos participantes e as práticas observadas.

## 3.4 Análise de dados

Para análise dos dados, optou-se pela utilização da técnica de análise de conteúdo, fundamentada em dois referenciais complementares. Bardin (2011) constitui a base clássica dessa abordagem, amplamente reconhecida no Brasil, oferecendo um método interpretativo e flexível estruturado em três fases: pré-análise, exploração e tratamento/interpretação. Entretanto, para conferir maior sistematização e transparência ao processo, também se adotou a proposta de Mayring (2021), que organiza a análise em oito etapas, permitindo integrar categorias dedutivas, derivadas da teoria, e categorias indutivas, emergentes dos dados. A combinação dos dois referenciais fortalece a credibilidade da pesquisa, pois alia a profundidade interpretativa de Bardin à clareza instrucional de Mayring, garantindo rigor metodológico sem perder a riqueza qualitativa necessária para compreender as práticas e desafios investigados.

Com base nesse processo, a expectativa era produzir um conhecimento mais aprofundado e coerente com a realidade vivenciada pelas participantes, respeitando as nuances culturais, sociais e econômicas que permeiam suas experiências como empreendedoras no segmento de tranças afro.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta e discute os resultados obtidos a partir das entrevistas semiestruturadas e da observação in loco realizadas com seis trançistas atuantes na região dos Inconfidentes, Minas Gerais. A análise busca responder aos objetivos específicos da pesquisa, contemplando: (i) o perfil socioeconômico e profissional das participantes; (ii) a trajetória profissional e a formalização; e (iii) as práticas organizacionais, o uso de tecnologias e os principais desafios enfrentados. A discussão dos achados é articulada ao referencial teórico, de modo a estabelecer aproximações e contrastes com estudos anteriores.

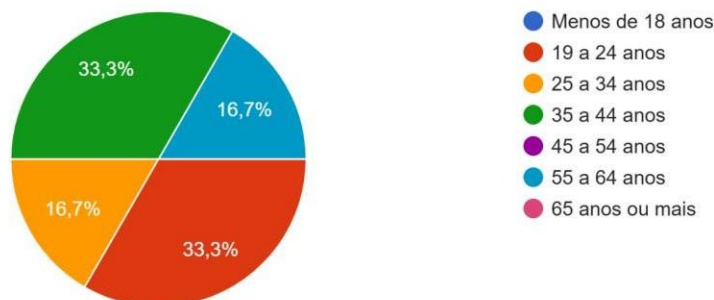
### 4.1 Perfil socioeconômico e profissional das participantes

O universo da pesquisa compreendeu oito trançistas, das quais seis aceitaram participar voluntariamente do estudo. Os dados evidenciam a centralidade feminina da atividade, confirmando seu caráter historicamente associado ao trabalho das mulheres, especialmente negras, conforme discutem Santos (2025) e Costa e Binja (2023).

A heterogeneidade etária observada, com participantes entre 19 e 64 anos, revela o caráter intergeracional do trançado, indicando que o saber é transmitido e ressignificado ao longo do tempo. Esse achado amplia a análise proposta por Santos (2025), ao demonstrar que o conhecimento não se limita à técnica, mas incorpora valores culturais, identitários e simbólicos.

**Figura 1** - Faixa etária

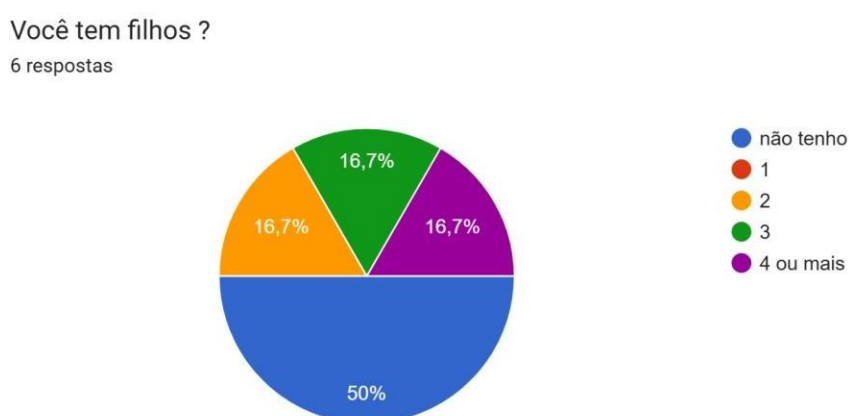
Em qual faixa etária você se encontra?  
6 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa (2025).

Referente à maternidade, verificou-se a predominância de mulheres mães, muitas delas responsáveis únicas pelo sustento familiar. Esse dado reforça a compreensão de que o trançado assume papel estratégico na conciliação entre trabalho e responsabilidades domésticas, especialmente diante das limitações impostas pelo mercado formal às mulheres negras, conforme apontam Almeida (2020) e Lima (2022)

**Figura 2** - Número de filhos



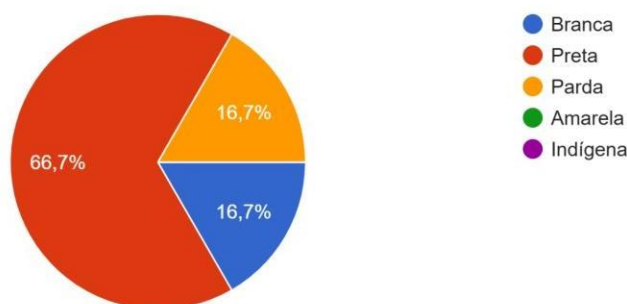
**Fonte:** Dados da pesquisa (2025).

A análise da variável cor/raça revelou que 83,3% das participantes se autodeclararam pretas ou pardas, indicando uma expressiva homogeneidade racial no grupo. Tal resultado converge com os achados de Layla Maryzandra Costa Silva (2023, apud Ferreira, 2024), evidenciando que o trançado se configura como um espaço majoritariamente ocupado por mulheres negras, articulando identidade, ancestralidade e resistência simbólica frente aos padrões estéticos eurocêntricos.

### Figura 3 - Cor/Raça

Como você se autodeclara em relação a sua cor ou raça?

6 respostas



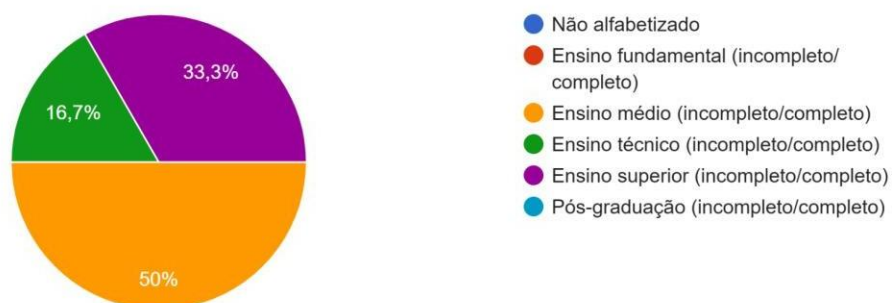
**Fonte:** Dados da pesquisa (2025).

Quanto à escolaridade e à renda, os dados abaixo indicam que, embora as trançistas apresentem níveis educacionais variados, a atividade possibilita rendimentos compatíveis ou superiores aos obtidos em ocupações formais de baixa qualificação. Esse resultado revela uma contradição importante: mesmo gerando renda dita estável e significativa, o trançado permanece socialmente desvalorizado e frequentemente classificado como trabalho informal ou de baixa complexidade. Dessa forma, a prática se insere no conjunto de estratégias de sobrevivência e empoderamento econômico discutidas por Almeida (2020) e Feitosa e Mascena (2024).

### Figura 4 - Escolaridade

Qual é o seu nível de escolaridade atual?

6 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa (2025).

Para sintetizar o perfil das participantes, apresenta-se o Quadro 2.

## Quadro 2 – Perfil socioeconômico e profissional das participantes

Variáveis	Resultados principais
Faixa etária	19 a 64 anos
Cor/raça	83,3% pretas ou pardas
Escolaridade	Ensino fundamental ao superior
Maternidade	Predominância de mães

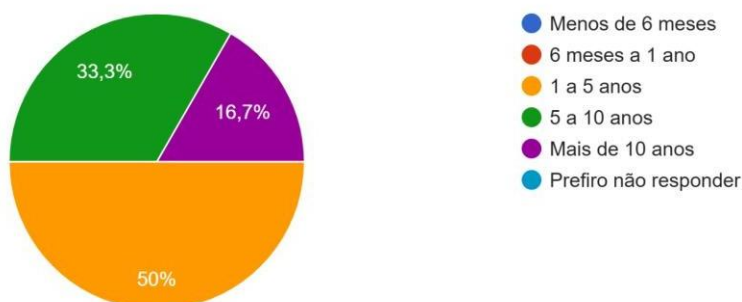
Fonte: Dados da pesquisa (2025).

### 4.2 Trajetória profissional e formalização

Quanto ao tempo de atuação, 50% das participantes atuam como trancistas há até cinco anos, 33,3% entre cinco e dez anos e 16,7% há mais de dez anos. Os relatos indicam que a entrada na atividade está associada à busca por melhores condições socioeconômicas, maior autonomia e flexibilidade. Esse padrão sugere que o trançado funciona como alternativa ao trabalho formal precarizado, sobretudo para mulheres com oportunidades limitadas no mercado de trabalho.

#### Figura 5 - Tempo de atuação

Há quanto tempo você atua como trancista?  
6 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Por meio das entrevistas, observou-se que os casos das duas participantes com maior experiência e rendimento superior exemplificam essa dinâmica com clareza. Ambas relataram trajetórias marcadas por ocupações anteriores com baixa remuneração e pouca estabilidade, identificando no trançado uma possibilidade de ampliação da renda e reorganização da rotina familiar. Essas duas profissionais são também as únicas formalizadas como MEI, o que sugere

uma relação entre tempo de experiência, consolidação da clientela e percepção das vantagens da formalização. Tal resultado dialoga com Feitosa e Mascena (2024), ao apontarem que a formalização tende a ocorrer de forma gradual, à medida que o negócio se estrutura. A recente inclusão da ocupação de trançista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), em 2025, aparece como um marco simbólico importante, ainda que seus efeitos práticos sejam percebidos de forma limitada pelas participantes. Esse dado indica um movimento incipiente de reconhecimento institucional, que, embora relevante, não elimina as barreiras estruturais enfrentadas pela categoria.

### Quadro 3 - Formalização

<b>Crítérios</b>	<b>MEI</b>	<b>Não MEI</b>
Renda mensal	Mais estável	Instável
Controle financeiro	Presente	Ausente ou limitado
Capacidade de investimento	Média a alta	Baixa
Acesso a crédito	Possível	Muito restrito
Segurança financeira	Maior	Menor

**Fonte:** Dados da pesquisa (2025).

### 4.3 Organização do trabalho, tecnologias e desafios

No que se refere à aprendizagem, constatou-se que 83,3% das participantes adquiriram o saber de forma informal, por meio de familiares, amigas ou aprendizado autodidata. Esse dado reforça o caráter comunitário e ancestral da prática, conforme apontam Costa e Binja (2022, 2023) e Santos (2025), mas também evidencia limitações estruturais no acesso à formação profissional certificada.

### Figura 6 - Origem do Aprendizado

Como você aprendeu a trançar?

6 respostas



**Fonte:** Dados da pesquisa (2025).

Quanto à organização do trabalho, observou-se elevada flexibilidade operacional, com atendimentos realizados tanto em salões quanto em domicílios. Essa dinâmica confirma as análises de Lemos (2019), ao demonstrar que o trançado se estrutura em espaços híbridos, adaptando-se às condições socioeconômicas disponíveis.

As tecnologias digitais desempenham papel central na gestão dos serviços. O WhatsApp, associado às redes sociais, constitui a principal ferramenta de agendamento, divulgação e comunicação, em consonância com os achados de Bento dos Santos (2024). Contudo, a ausência de sistemas formais de controle de agenda e estoque revela fragilidades gerenciais.

**Quadro 4 – Práticas organizacionais e uso da tecnologia**

<b>Dimensão</b>	<b>Principais práticas</b>
Agendamento	WhatsApp, redes sociais, contato presencial
Divulgação	Instagram, Facebook, indicação
Local de atendimento	Salão próprio e domicílio
Controle de materiais	Compra conforme demanda
Uso de tecnologia	Predominância de aplicativos informais

**Fonte:** Dados da pesquisa (2025).

Apesar de funcional no curto prazo, essa forma de organização evidencia fragilidades na gestão. A maioria das participantes não comercializa produtos complementares, justificando essa decisão por dificuldades de precificação e ausência de espaço para armazenamento. Observa-se, ainda, significativa variação nos valores cobrados pelos serviços, definidos majoritariamente pela técnica e pelo tipo de trança. Esses elementos indicam que o domínio técnico do ofício não é acompanhado, na mesma proporção, por competências gerenciais e administrativas, configurando um descompasso entre autonomia produtiva e autonomia organizacional, conforme apontam Almeida (2020) e Feitosa e Mascena (2024).

As condições de trabalho e saúde constituem outro eixo crítico. Verificou-se que 83,3% das participantes não realizam pausas durante os atendimentos, enquanto 16,7% descansam apenas ao final do serviço. Considerando os movimentos repetitivos e o esforço manual contínuo, os dados revelam um quadro de desgaste físico significativo, com dores recorrentes em costas, braços, mãos e pés, indicando a naturalização de riscos ocupacionais em um contexto marcado pela informalidade e pela ausência de proteção laboral (Almeida, 2020; Lemos, 2019).

No que se refere aos desafios estruturais, 66,7% relataram experiências de assédio ou discriminação associadas à prática profissional, evidenciando a atuação do racismo estrutural

na desvalorização simultânea dos corpos, saberes e práticas dessas mulheres (Almeida, 2020; Lemos, 2019). Essa desvalorização se expressa de forma ainda mais contundente no fato de que 100% das participantes afirmaram que seu trabalho não é reconhecido socialmente como profissão, convergindo com Costa e Binja (2022) e Santos (2025).

Nesse contexto, a inclusão da ocupação na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) representa um avanço institucional, embora seus efeitos práticos ainda sejam limitados, reforçando a necessidade de políticas públicas integradas que articulem reconhecimento simbólico, qualificação profissional e acesso a oportunidades estruturais.

Do ponto de vista econômico, a sustentabilidade da atividade é impactada por dificuldades na precificação e pelo cansaço físico (66,7%), associadas à informalidade e à ausência de capacitação gerencial. Outros entraves incluem a falta de reconhecimento profissional, o acesso restrito a materiais, a ausência de espaço adequado e as limitações ao crédito, confirmando barreiras estruturais historicamente enfrentadas por mulheres negras no acesso a recursos econômicos (Rebelo; Analide; Abreu, 2023).

De forma geral, os resultados indicam que, embora o trançado represente uma importante fonte de geração de renda e expressão cultural, sua consolidação profissional permanece limitada por fatores estruturais, institucionais e simbólicos, exigindo abordagens integradas que reconheçam essa atividade como trabalho especializado e socialmente legítimo. Para sintetizar a organização do trabalho, tecnologias e desafios, apresenta-se o Quadro 5.

**Quadro 5 – Síntese analítica dos principais achados da pesquisa**

<b>Dimensão analisada</b>	<b>Evidências empíricas</b>	<b>Interpretação analítica</b>
Gestão e organização	Ausência de venda de produtos complementares; variação significativa de preços	Fragilidade gerencial e dificuldade de padronização, indicando baixa autonomia organizacional
Condições de trabalho	83,3% sem pausas; dores frequentes	Naturalização do desgaste físico e precarização das condições laborais
Reconhecimento social	100% percebem ausência de reconhecimento	Deslegitimação social da atividade e invisibilização profissional
Preconceito e discriminação	66,7% relataram assédio ou discriminação	Expressão direta do racismo estrutural no campo do trabalho
Sustentabilidade econômica	Dificuldade de precificação e acesso restrito a recursos	Instabilidade financeira e limitação da expansão profissional

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora (2026).

## 5 CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu evidenciar que a atuação das trançistas na microregião dos Inconfidentes se estrutura em um contexto marcado por tensões entre autonomia produtiva e limitações estruturais. Ainda que essas profissionais demonstrem domínio técnico, capacidade de adaptação e construção de estratégias próprias de organização do trabalho, persistem fragilidades relacionadas à gestão formal, ao acesso a recursos e ao reconhecimento institucional da atividade.

Os achados indicam que a atividade de trançar cabelos se consolida como uma prática que articula dimensões econômicas, culturais e sociais, configurando-se não apenas como fonte de renda, mas também como espaço de valorização identitária e continuidade de saberes ancestrais. No entanto, essa relevância não se traduz, na mesma medida, em condições estruturais adequadas de trabalho, evidenciando a permanência de desigualdades que impactam diretamente a sustentabilidade desses empreendimentos.

Do ponto de vista prático, os resultados deste estudo oferecem subsídios importantes para diferentes frentes de atuação. No âmbito das políticas públicas, reforça-se a necessidade de iniciativas voltadas à formalização, ao acesso ao crédito e à criação de programas de capacitação em gestão, considerando as especificidades socioculturais dessas profissionais. No campo da formação profissional, evidencia-se a importância de ações que integrem conhecimentos técnicos e gerenciais, contribuindo para o fortalecimento da autonomia organizacional dos empreendimentos. Já no plano do reconhecimento social, o estudo aponta para a necessidade de valorização da atividade como trabalho qualificado, combatendo estigmas historicamente associados ao ofício.

Nesse contexto, a recente inclusão da profissão de trançista na Classificação Brasileira de Ocupações representa um avanço relevante, porém ainda inicial. Seus efeitos práticos dependem da articulação com políticas públicas efetivas, acesso a direitos e ampliação de oportunidades concretas para as profissionais, o que demanda acompanhamento contínuo.

Como perspectivas para pesquisas futuras, destaca-se a importância de investigar os impactos da formalização da profissão após sua inclusão na CBO, especialmente no que se refere ao acesso a crédito, à melhoria das condições de trabalho e à expansão dos negócios. Além disso, recomenda-se a realização de estudos comparativos em diferentes regiões, bem como investigações que aprofundem a relação entre capacitação gerencial e sustentabilidade dos empreendimentos no contexto do afroempreendedorismo feminino.

Dessa forma, este trabalho contribui para ampliar a compreensão sobre a gestão de

empreendimentos conduzidos por transistas, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de abordagens integradas que considerem, de maneira articulada, as dimensões econômicas, sociais, culturais e institucionais que permeiam essa atividade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sueli Carneiro. Mulheres negras e o trabalho: desigualdades, barreiras e resistências. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 3, p. 775–790, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/RyzFyGbLpLsh3SswqQbNzQg>. Acesso em: 11 jul. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Isis Aparecida Conceição de et al. Interseccionalidade e economia criativa: olhares da sociologia da cultura para experiências na periferia urbana. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 20, n. 59, p. 163–186, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4417/441767903009/html/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego; Ministério das Mulheres. **Relatório de Transparência Salarial e Critérios Remuneratórios, 2023**. Brasília, DF: MTE; Mulheres, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres>. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Reconhecimento da profissão de trancista valoriza tradição afro e impulsiona inclusão produtiva**. Brasília, DF: MTE, 09 jul. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2025/julho/reconhecimento-da-profissao-de-trancista-valoriza-tradicao-afro-e-impulsiona-inclusao-productiva>. Acesso em: 20 fev. 2026.

CLEMENTE, Aline Ferraz. **Trança afro: a cultura do cabelo subalterno**. In: Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos da Escola de Comunicações e Artes – ECA, 2010, São Paulo. São Paulo: USP, 2010.

COSTA, Beatriz Adão Pascoal da; BINJA, Elias Justino Bartolomeu. A arte africana na diáspora: as tranças na manutenção da vida. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 15, n. 24, p. 91–102, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/11921>. Acesso em: 8 jul. 2025.

COSTA, Thais Santos. **Os processos simbólicos e de identificação com a ancestralidade afro: as tranças, as trancistas e os salões afro**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/266921>. Acesso em: 11 jul. 2025.

COTRIM, Luisa Rabioglio; TEIXEIRA, Marilane Oliveira; PRONI, Marcelo Weishaupt. Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil. **Texto para discussão**, n. 383, Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/texto-para-discussao/desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho-formal-no-brasil>. Acesso em: 8 jul. 2025.

DANDARA. Deputada quer regulamentar profissão de trancista no Brasil. **Todandara.com.br**, 10abr. 2024. Disponível em: <https://todandara.com.br/deputada-quer-regulamentar-profissao-de-trancista-no-brasil/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

ESTADO DE MINAS. Empreendedorismo negro no Brasil vem ganhando força, diz IBGE. **Estado de Minas**, 3 jan. 2021. Disponível em:

[https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2021/01/03/internas\\_economia,1225483/empreendedorismo-negro-no-brasil-vem-ganhando-forca-diz-ibge.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2021/01/03/internas_economia,1225483/empreendedorismo-negro-no-brasil-vem-ganhando-forca-diz-ibge.shtml). Acesso em: 8 jul. 2025.

FEITOSA, Hillary de Lima; MASCENA, Keysa Manuela Cunha de. Mulheres negras empreendedoras e seus comportamentos de superação. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 18, n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/62592>. Acesso em: 11 jul. 2025.

FERREIRA, Luiz Claudio. Valorização do trabalho de trancistas abre Festival Latinidades no DF. **Agência Brasil**, Brasília, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/valorizacao-do-trabalho-de-trancistas-abre-festival-latinidades-no-df>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FITZSIMMONS, James A.; FITZSIMMONS, Mona J.; BORDOLOI, Sanjeev. **Service management: operations, strategy, information technology**. 8. ed. New York: McGraw-Hill, 2014. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/Service\\_Management.html?id=5EaxMgEACAAJ&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Service_Management.html?id=5EaxMgEACAAJ&redir_esc=y) Acesso em: 20 fev. 2026.

G1. Maioria no país: mulheres negras são o grupo menos beneficiado por avanços sociais, diz Pnud. **G1 – Política**, 28 maio 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/05/28/maioria-no-pais-mulheres-negras-sao-o-grupo-menos-beneficiado-por-avancos-sociais-diz-pnud.ghtml>. Acesso em: 11 jul. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES CORNÉLIO, B.; SILVA FREITAS, M. Entre consciências e movimentações negras: traçando combinados de não morrer. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, v. 4, n. 8, 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/15530>. Acesso em: 8 jul. 2025.

INSTITUTO REDE MULHER EMPREENDEDORA – IRME. **Relatório de gestão 2023**. São Paulo: IRME, 2024. Disponível em: <https://institutorme.org.br/wp-content/uploads/sites/2/2024/10/Relatorio-de-Gestao-2023-IRME.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

LEMOS, Lindrielli Rocha. O afroempreendedorismo: saber tradicional, empoderamento e contribuição à indústria criativa. **Revista Extraprensa**, v. 12, p. 861–879, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153975>. Acesso em: 13 jun. 2025.

LIMA, Johanna Oliveira de. **Afroempreendedorismo feminino: um estudo em salões especializados em cabelos afros e tranças em Natal/RN**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/50150>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAYRING, Philipp. **Qualitative content analysis: a step-by-step guide**. London: SAGE Publications, 2021.

NOGUEIRA, Débora de Araujo. As tranças africanas como patrimônio imaterial. In: **47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2024, Univali. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2024.

REBELO, João; ANALIDE, José; ABREU, Pedro. Racismo creditício no Brasil e nos EUA. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 19, n. 2, e2230, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/BZNBhCBdDj8BWdZcnFwBcps/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

SANTOS, Luane Bento dos. Bens culturais afro-brasileiros. **Revista Eixo**, v. 8, n. 2, p. 126–137, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/planiciecientifica/article/view/64548>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SANTOS, Luane Bento dos. *Processos formativos antirracistas na profissionalização de trançistas afro na cidade do Rio de Janeiro*. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 10, n. 1, p. 249–268, 2024. DOI: 10.12957/riae.2024.73688. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73688>. Acesso em: 20 fev. 2026.

SILVA, L. M. C. Trançando territórios e saberes tradicionais. **Salvador e suas cores**, n. 6, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ssc/article/view/63804>. Acesso em: 8 jul. 2025.

SILVA, Mariana. Trancistas buscam regulamentar profissão. **Folha de S.Paulo**, 4 nov. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/11/trancistas-buscam-regulamentar-profissao-que-e-simbolo-da-resistencia-negra.shtml>. Acesso em: 29 maio 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

#### ROTEIRO DA ENTREVISTA A SER REALIZADA NA PESQUISA SOBRE: GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS DE MULHERES: OS MÚLTIPLOS CASOS DE TRANCISTAS DA MICROREGIÃO DOS INCONFIDENTES DE MINAS GERAIS

Pesquisadora: Ana Carolina Honorato Gomes

Curso: Administração

Universidade: Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

Contato: [ana.honorato@aluno.ufop.edu.br](mailto:ana.honorato@aluno.ufop.edu.br)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Simone Aparecida Simões Rocha

Prezada(o) trancista,

Convido-o(a) a participar de uma pesquisa acadêmica sobre a gestão de empreendimentos de trancistas na microrregião dos inconfidentes de Minas Gerais. Este estudo integra a etapa de desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e tem como objetivo analisar as práticas administrativas e operacionais, bem como os desafios enfrentados por profissionais como você na gestão de seus negócios.

Sua participação é de extrema importância para a coleta de dados e a validade da pesquisa. Caso aceite o convite, você responderá a um questionário que abordará as estratégias de gestão que você adota. O tempo estimado para a conclusão é de 15 a 20 minutos.

Garanto que todas as suas respostas serão tratadas com total anonimato e confidencialidade, sendo utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Sua participação é inteiramente voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Declaro que fui informado(a) sobre a pesquisa, seu objetivo e a garantia de sigilo. Concordo em participar voluntariamente.

Declaro que fui informado(a) sobre a pesquisa, seu objetivo e a garantia de sigilo. Não concordo em participar voluntariamente.

#### BLOCO I – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

Qual é o seu sexo?

Masculino

Feminino

Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Prefiro não responder

Em qual faixa etária você se encontra?

- Menos de 18 anos
- 19 a 24 anos
- 25 a 34 anos
- 35 a 44 anos
- 45 a 54 anos
- 55 a 64 anos
- 65 anos ou mais

Como você se autodeclara em relação à sua cor ou raça?

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Qual é o seu nível de escolaridade atual?

- Não alfabetizado
- Ensino Fundamental (incompleto/completo)
- Ensino Médio (incompleto/completo)
- Ensino Técnico (incompleto/completo)
- Ensino Superior (incompleto/completo)
- Pós-graduação (incompleta/completa)

Qual é o seu estado civil?

- Solteiro(a)
- Casado(a)/União estável
- Separado(a)/Divorciado(a)
- Viúvo(a)
- Prefiro não responder
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Você tem filhos(as)?

- Não tenho
- 1
- 2
- 3
- 4 ou mais

Qual é a faixa etária dos seus filhos(as)? (responda apenas se tiver filhos)

- 0 a 5 anos
- 6 a 12 anos
- 13 a 17 anos
- 18 anos ou mais

Qual a sua naturalidade?

Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

Onde você reside atualmente?

Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

Qual é a sua faixa de renda pessoal mensal?

- Até R\$ 1.000
- R\$ 1.001 a R\$ 2.000
- R\$ 2.001 a R\$ 3.000
- R\$ 3.001 a R\$ 4.000
- R\$ 4.001 a R\$ 5.000
- R\$ 5.001 a R\$ 10.000
- Acima de R\$ 10.000
- Prefiro não responder

## **BLOCO II – TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

Há quanto tempo você atua como trançista?

- Menos de 6 meses
- 6 meses a 1 ano
- 1 a 5 anos
- 5 a 10 anos
- Mais de 10 anos
- Prefiro não responder

Como você aprendeu a trançar?

- Autodidata
- Curso profissionalizante
- Aprendizado informal (família, amigos)
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Você possui certificado como trançista?

- Sim
- Não

Se SIM qual o tipo, instituição e ano?

Tipo: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Ano: \_\_\_\_\_

Como está formalizada sua atividade como trançista?

- Sou MEI (Microempreendedor Individual)

- Tenho CNPJ, mas não sou MEI
- Trabalho de forma informal (sem registro)
- Trabalho como colaborador(a) em salão/empresa de beleza
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Além da atuação como trancista, você possui outras fontes de renda?

- Não
- Sim, outro serviço na área da beleza
- Sim, em outra área (comércio, educação, etc.)
- Sim, benefícios sociais ou aposentadoria
- Sim, renda de aluguel/vendas/investimentos
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

### **BLOCO III – GESTÃO ADMINISTRATIVA E OPERACIONAL**

Onde você costuma atender como trancista?

- Salão próprio
- Salão de terceiros
- Casa do(a) cliente
- Espaço comunitário/cultural
- Eventos/feiras
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Quais dias da semana você atende normalmente?

- Segunda  Terça  Quarta  Quinta  Sexta  Sábado  Domingo
- Varia conforme demanda

Em quais horários você costuma atender?

- Manhã (6h–12h)
- Tarde (12h–18h)
- Noite (após 18h)
- Horários variados conforme agendamento

Como você costuma agendar seus atendimentos?

- WhatsApp
- Ligação telefônica
- Redes sociais (Instagram, Facebook, etc.)
- Aplicativo de agendamento
- Presencialmente
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Você utiliza sistema/aplicativo para organizar os agendamentos?

- Não
- Sim. Qual? \_\_\_\_\_

Como você define o preço dos seus serviços?

- Tempo de execução
- Tipo de trança/técnica utilizada
- Comprimento ou volume do cabelo

- Preços praticados por outros profissionais
- Custo dos materiais
- Valor fixo por tipo de serviço
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Os materiais utilizados (cabelo sintético, pomadas etc.) estão incluídos no preço final?

- Sim, sempre incluídos
- Não, cobrados à parte
- Depende do tipo de trança/negociação
- Cliente fornece os materiais

Em média, qual é o seu custo mensal com materiais?

- Até R\$ 100
- R\$ 101 a R\$ 300
- R\$ 301 a R\$ 500
- Acima de R\$ 500
- Não sei informar

Além do serviço, você também vende produtos relacionados (acessórios, cosméticos, materiais)?

- Não
- Sim. Quais? \_\_\_\_\_

Atuar como trançista é:

- Minha atividade principal
- Uma atividade secundária/complementar

#### **BLOCO IV – CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE**

Durante a realização de tranças, você costuma fazer pausas?

- A cada 30 min
- A cada 1 hora
- A cada 2 horas
- Apenas ao finalizar um serviço
- Não costumo fazer pausas

Você sente dores ou desconfortos relacionados ao trabalho? (marque as opções que se aplicam)

- Costas
- Ombros
- Braços/mãos
- Pescoço
- Dor de cabeça
- Não sinto dores
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

Com que frequência você sente essas dores?

- Todos os dias
- Algumas vezes por semana

- Raramente
- Apenas após serviços longos

A estrutura física do seu local de trabalho é adequada?

- Sim
- Não

Se NÃO o que poderia melhorar?

---

---

---

A iluminação do local de trabalho é adequada?

- Sim
- Razoável, poderia melhorar
- Não é adequada, atrapalha meu trabalho
- Varia conforme o local/horário

## **BLOCO V – PERCEPÇÕES, RECONHECIMENTO E DESAFIOS**

Você já sofreu discriminação ou assédio relacionado à sua atividade como trancista?

- Sim, discriminação
- Sim, assédio
- Sim, ambos
- Não
- Prefiro não responder

Como você costuma divulgar seu trabalho? (marque as opções que se aplicam)

- Instagram
- Facebook
- WhatsApp
- TikTok
- Indicação de clientes (boca a boca)
- Cartões/panfletos
- Eventos/feiras
- Plataformas online (Trinks, GetNinjas, etc.)
- Não divulgo
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Você percebe variação na demanda pelos seus serviços ao longo do ano?

- Sim, há períodos de maior procura
- Sim, há períodos de menor procura
- Não percebo variações
- Ainda não consigo identificar

Na sua percepção, quais são os principais motivos que levam as pessoas a procurarem tranças?

- Estética / vaidade
- Identidade cultural / ancestralidade

- Praticidade
- Moda/tendência
- Eventos especiais (casamentos, festas etc.)
- Influência de celebridades/redes sociais
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Como você acredita que as pessoas enxergam o trabalho de trancista?

- Profissão legítima e valorizada
- Trabalho informal, mas importante
- Muitas pessoas não consideram uma profissão
- Sofre preconceito/desvalorização
- Prefiro não responder
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Quais são os principais desafios que você enfrenta? (marque as opções que se aplicam)

- Falta de reconhecimento
- Precificação dos serviços
- Acesso limitado a materiais
- Dores/cansaço físico
- Falta de espaço adequado
- Dificuldade para atrair clientes
- Dificuldade para crédito/investimento
- Preconceito/discriminação
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Como você costuma superar esses desafios?

---

---

---

---

---

Quais tipos de apoio seriam mais úteis neste momento? (marque as opções que se aplicam)

- Crédito/financiamento
- Formação técnica (cursos, oficinas)
- Apoio em marketing/divulgação
- Espaço físico adequado
- Acesso a materiais de qualidade
- Orientação em precificação/finanças
- Reconhecimento da profissão
- Apoio psicológico/emocional
- Rede/coletivo de trancistas
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Muito obrigada por suas contribuições!

Para controle da pesquisadora:

Número do questionário: \_\_\_\_\_

Dia da aplicação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Horário da aplicação: \_\_\_\_\_

Como foi aplicado:

( ) Presencialmente

( ) Via e-mail

( ) Via WhatsApp

( ) Por telefone

( ) Via Redes Sociais. Qual? \_\_\_\_\_

( ) De outra forma. Qual? \_\_\_\_\_